



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

A ESCRITA EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: REFLEXÕES E PROPOSTAS

Writing in a university context: reflections and proposals

Resenha de:

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Escrever na universidade 1: Fundamentos**. São Paulo: Parábola, 2019.

Geovana, NASCIMENTO (UFAC)¹

Fundamentos é o 1º volume da coleção *Escrever na universidade*, o qual possui 3 volumes publicados (*Fundamentos*, *Texto e discurso* e *Gramática do período e da coordenação*), todos pela Parábola Editorial, entre 2019 e 2020. É uma coleção voltada, como sugere o próprio título, a produções escritas de textos universitários; sendo assim, os volumes trazem em seu conteúdo características – como estrutura, linguagem, tipo de leitor etc. – de alguns gêneros acadêmicos frequentes nas universidades.

O livro aqui resenhado tem como principal objetivo oferecer ao estudante universitário brasileiro uma “oportunidade de revisitar o trabalho de escrita” (FARACO; VIEIRA, 2019, p. 7). Isso deixa claro, logo na apresentação da obra, que os autores se voltam para a escrita e, mais especificamente, a escrita que circula em um âmbito acadêmico, visando, assim, a estimular a produção escrita dos alunos universitários.

A obra foi escrita e pensada por Francisco Eduardo Vieira e Carlos Alberto Faraco, com base em suas experiências docentes voltadas à produção de textos. Segundo informações contidas no Currículo Lattes, Vieira é, atualmente, professor adjunto do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística (DLPL), do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) e do Mestrado Profissional em Linguística e Ensino

¹ Universidade Federal do Acre, Acre, Brasil. Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8960-9802>; email: geovanaanjos@outlook.com

(MPLE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ele possui mestrado e doutorado em Letras, ambos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo publicado 6 livros. Faraco, por sua vez, segundo o Lattes, possui 30 livros publicados, é professor titular aposentado da Universidade Federal do Paraná onde concluiu sua graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), *University of Salford* e *University of California*, respectivamente.

O livro em questão está organizado em 4 unidades – que se complementam em termos de conteúdo – e uma síntese, ao final da obra. É importante observar que em toda a extensão do livro os autores dão uma atenção especial à linguagem utilizada e de que forma essa linguagem chega ao leitor presumido (os estudantes universitários). Dessa forma, o livro tem uma linguagem clara e interativa, possuindo marcas bastante perceptíveis de uma tentativa de se estabelecer um contato direto entre autores e leitores. Além disso, todas as unidades trazem propostas de atividades, leituras e produções de textos, todos referentes ao assunto abordado em cada unidade.

A unidade 1, intitulada “Escrever não é o mesmo que falar”, é subdividida em 3 partes. Na primeira, “Fala e escrita na história da humanidade”, os autores fazem apontamentos importantes, como, por exemplo, o fato de que a fala aparece temporalmente antes da escrita, pois as civilizações têm necessidade de comunicação e então “interagem e concretizam seus enunciados usando sons produzidos pelo seu aparelho fonador” (FARACO; VIEIRA, 2019, p. 13). Diferentemente, a escrita, afirmam os autores, foi criada há cerca de 5 mil anos no Oriente Médio e, para ratificar essa afirmativa, eles trazem alguns textos que dizem respeito à história da criação da escrita em um vilarejo da Mesopotâmia, Uruk, a partir de traços abstratos que, mais tarde, foram decifrados como uma forma de contagem que corroborou para a criação de um sistema de contratos, o que indica que esses traços abstratos encontrados em Uruk foram os responsáveis por futuras grandes inovações, tais como as primeiras noções de contabilidade, matemática e escrita.

Dando continuidade aos apontamentos feitos pelos autores, há a afirmação de que a fala, por ser uma capacidade natural do ser humano, é adquirida espontaneamente, enquanto a escrita, que é um artefato criado pelos homens, precisa ser ensinada. Além disso, a escrita ganhou sua devida importância por sua maior qualidade: a permanência. Dessa forma, Vieira e Faraco afirmam que “diferentemente da fala, que vai com o vento, a escrita dura enquanto durar seu suporte. Com isso, a escrita atravessa o tempo e o espaço” (2019, p. 19).

Na segunda subdivisão da unidade 1, “Falar e escrever: atividades diferentes”, a discussão gira em torno da certeza de que a fala e a escrita são duas atividades bem diferentes, ainda que tenham o mesmo suporte, ou seja, a língua. Essa afirmação parte da ideia de que, na fala, o interlocutor está *in praesentia*, ou seja,

existe uma interação face a face; já na escrita isso não é possível, pois nosso interlocutor, nesse caso o leitor, está *in absentia*, ou seja, uma interação olho no olho é impossibilitada. Para os autores, para que haja um melhor entendimento do assunto tema, na escrita é necessário um planejamento, enquanto na fala esse tema não precisa ser fixo. Sendo assim, segundo Vieira e Faraco,

[...] a conversa vai se construindo à medida que vai acontecendo. É bastante comum, por exemplo, começarmos a tratar de certo tema e repentinamente – ou porque somos interrompidos, ou porque um dos interlocutores se lembra de outro tópico qualquer – mudarmos de assunto. E isso várias vezes na mesma conversa. Na fala dialogal, não há necessariamente unidade temática, e as partes vão se interligando no próprio andar da carruagem. (2019, p. 22)

Diferentemente dos textos falados espontâneos, para os autores, um bom texto acadêmico escrito deve ser programado, com uma explícita e definida delimitação de assunto, que deve permanecer por todo o texto, organizando as informações em uma sequência ordenada que faça sentido para o leitor presumido – que é o assunto da próxima subdivisão.

“O leitor presumido” (subdivisão 1.3) é uma das partes mais importantes do livro, devido ao caráter essencial do interlocutor na comunicação humana. Assim, quando se está produzindo um texto escrito, não se pode perder de vista que o enunciado sempre tem uma funcionalidade – o motivo pelo qual alguém escreve – e o interlocutor a quem se destina – alguém para quem se escreve. Esse último é constituído pelo leitor, que, assim, tem um papel essencial na construção do texto.

Uma consequência de se assumir que o leitor tem um papel essencial na comunicação implica entender que, quando um texto está sendo escrito, é preciso sempre ter em mente para quem esse texto será destinado, qual será o tipo do leitor. O leitor, aqui, não se confunde com a noção de pessoa concreta, mais sim um sujeito da linguagem – no sentido de uma ideia de pessoa com determinadas características que estarão, de alguma forma, sendo o público-alvo do texto e influenciando diretamente no meio em que o texto circulará, qual o recorte que será necessário para um assunto específico, qual será o objetivo do texto, ou ainda qual o tipo de linguagem que aquele leitor presumido “exige”.

Atentando-se aos textos acadêmicos, os autores ratificam a importância desse leitor presumido, pois uma vez que esses textos circulam em um meio acadêmico-científico, é necessário que possuam características únicas desse meio: “todas as informações, fatos, ideias e argumentos apresentados, se partiram de alguma outra fonte consultada pelo autor do texto, devem ser explicitamente referenciados, de acordo com algumas normas específicas” (FARACO e VIEIRA, 2019, p. 32). A partir dessa afirmativa, surge a referência à importância da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

A unidade 2, “Ler e escrever, escrever e ler”, também é subdividida em 3 seções. A primeira, “Ler e escrever: atividades inter-relacionadas”, trata, como sugere o título, da relação estreita entre a leitura e a escrita. Assim, os autores afirmam que todo escrito tem como objetivo a leitura, e todo aquele que lê objetiva a compreensão do que foi escrito por alguém. Entretanto, é óbvio que existem diversos outros motivos para que alguém se interesse pela leitura de algum texto, mas toda leitura resulta no aprimoramento do domínio da própria escrita. Assim,

A leitura, de um lado, nos fornece recursos para ampliarmos nosso conhecimento. Sem esse repertório sempre em expansão, estaríamos muito limitados quanto ao modo de interpretar o mundo e os acontecimentos e, portanto, teríamos pouco a dizer por escrito.

De outro lado, a leitura nos fornece exemplos das práticas correntes de escrita. Em contato com textos escritos de variados gêneros, vamos percebendo como se costuma escrever uma notícia, uma reportagem, um relatório, um artigo científico, uma tese acadêmica, um artigo de opinião, uma resenha, um poema, uma crônica e assim por diante” (FARACO; VIEIRA, 2019, p. 39-40).

Apesar de a leitura influenciar a escrita, e vice-versa, é importante salientar que a leitura não é a garantia de uma escrita boa: é necessária, mas não absoluta; é preciso que haja muita prática e, para isso, os autores oportunizaram diversas produções escritas durante todo o livro.

“O ato de ler”, a segunda subdivisão, trata de como é importante e indispensável que o leitor, além de decodificar o conteúdo que está escrito, também consiga construir os sentidos do texto, o que acontece de forma inteiramente dependente do conhecimento de mundo (conhecimentos prévios) de que ele dispõe. Segundo Vieira e Faraco, isso ocorre porque nenhum texto diz tudo, já que o escrevente pressupõe que seu leitor tenha os conhecimentos necessários para estabelecer relações entre as informações explícitas presentes no texto e depreender as implícitas.

A terceira subdivisão, “O problema das *fake news*”, muda o foco para o autor do texto, uma vez que todo texto possui um autor, mesmo que esse não se identifique. Todo texto é, portanto, escrito por alguém, com alguma intenção e, no caso das *fake news*, a intenção é enganar e confundir os leitores. Ocioso dizer o quanto é relevante, na sociedade atual, discutir a verificação de fontes, enquanto leitores, e a responsabilidade das informações no âmbito científico, enquanto escritores.

Assim, essa seção do livro atenta, também, para o problema das notícias falsas e para a responsabilidade de quem escreve o texto, nesse caso os alunos universitários. É interessante notar, no que diz respeito aos universitários, que eles assumem o papel de *leitores presumidos*, já que são a eles que o livro é direcionado; ao mesmo tempo, no entanto, esses interlocutores são instigados a todo instante a escrever, a fim de se tornarem, assim, *autores de seus próprios textos*. Esse deslocamento é um dos dispositivos que permitem que Vieira e Faraco reforcem o compromisso do texto acadêmico com a validade científica.

A unidade 3, “A escrita como espaço de variação”, também se subdivide em 3 temas; o primeiro deles, “A incontornável evidência da variação linguística”, trata de trazer à tona não só a irrefutável existência da variação linguística em situações de comunicação falada, mas, também, a existência dessas variações nas práticas de escrita. Os autores afirmam que a escrita, assim como a fala, acontece em contextos diversificados; dessa forma, a escrita também está sujeita à variação, ou seja, “é o contexto que deve conduzir as decisões textuais-discursivas e gramaticais do escritor” (FARACO; VIEIRA, 2019, p. 69-70). Nesse sentido, segundo Vieira e Faraco,

[...] dois fatores principais estão constitutivamente relacionados ao fenômeno da variação na escrita. Em outras palavras, um texto escrito vai variar de acordo com:

- * as convenções composicionais do gênero textual;
- * o grau de formalidade exigido pela situação (FARACO; VIEIRA, 2019, p. 71).

Na segunda subdivisão, “Escrita e gêneros textuais”, os autores fazem com que os leitores percebam como o cotidiano é atravessado de diversos gêneros textuais, mesmo que imperceptíveis por serem, muitas vezes, naturais às relações do dia a dia. Em relação aos gêneros, Bakhtin ([1979]2011) os define como tipos relativamente estáveis de enunciados, compostos por forma composicional (o aspecto linguístico-formal), o estilo (as características particulares) e o tema (o assunto de que se trata). Partindo dessa noção, os autores destacam que a lista de gêneros textuais presentes na sociedade é praticamente ilimitada, pois existem diversas situações que exigem a escrita, pelos motivos mais variados e com os propósitos mais particulares. Cada gênero traz consigo características (estruturais, linguísticas) que o fazem ser o que são, ainda que estas sejam flexíveis, não completamente rígidas. Quem escreve, portanto, deve apropriar-se dessas características. Para além da infinidade de gêneros, os autores apontam para o fato de que cada gênero possui uma proposta de suprir uma necessidade específica, e entender qual necessidade cada gênero supre é papel de um bom escritor. Desse modo, ele poderá utilizar o melhor gênero para que sua necessidade inicial seja suprida.

Em “Escrita e graus de formalidade (registros)”, terceira subdivisão dessa unidade, os autores trazem algumas observações importantes: (i) existem alguns gêneros que exigem uma escrita formal, isto é, baseada na gramática normativa, baseado em seu contexto social, ao seu suporte, aos tipos de leitores presumidos e à relação com o interlocutor; (ii) assim como a fala não é lugar unicamente de informalidade, a escrita também não é lugar unicamente de formalidade; isso significa que, ainda que existam muitos gêneros que exigem um grau de formalidade, isso não é só porque são gêneros escritos, mas também porque estão inseridos em uma situação sociocomunicativa mais formal; e (iii) como consequência disso, “a escrita pode (e às vezes deve) ser informal” (FARACO; VIEIRA, 2019, p. 82), devido ao fato de alguns gêneros tenderem à informalidade e, caso seja usado um grau de formalidade mais elevado, isso o torna pedante ou gozado.

Em relação ao aspecto formal dos textos acadêmicos, é importante ressaltar que os autores questionam que tipo de norma que se toma como base para a escrita na universidade. Em texto de 2018, Faraco discute propostas de ensino do aspecto formal da escrita que esteja mais próximo da realidade linguística contemporânea, diferentemente da tradição normativa; Vieira, por sua vez, em texto de 2017, mostra que muitas das exigências de adequação gramatical cobradas em contexto de ensino da escrita advêm de uma ideologia que perpassa a norma padrão, mais do que as normas em si. Essa preocupação dos autores com a proposição de uma norma contemporânea, baseada no uso e com a finalidade de circular em textos acadêmicos formais culmina, segundo Faraco (2020), na publicação dos volumes 3 (recentemente publicado) e 4 (ainda inédito) da coleção *Escrever na universidade*, proposta pelos autores do livro aqui resenhado.

A última unidade, “A escrita na universidade”, traz a noção elementar de que os gêneros textuais podem ser agrupados em domínios discursivos; desse modo, o domínio principal e objetivo do livro em questão circunscreve-se ao acadêmico, que reúne os diversos gêneros que perpassam a vida acadêmica dos leitores presumidos desse livro, como o resumo, a resenha, a monografia, a dissertação e a tese, a título de exemplo.

A primeira subdivisão (de três) dessa unidade, “Os gêneros acadêmicos”, atenta para a importância de o estudante universitário conhecer e reconhecer os gêneros que circulam na universidade, e não somente os de registros formais, mas, também os de registros informais, para que o estudante desenvolva seu letramento acadêmico da melhor forma.

Em “Sumarização: fichamento e resumo”, segunda subdivisão, os autores buscam enfatizar a necessidade acadêmica de aprimoramento da arte da sumarização de conteúdos do texto, usando como argumento o fato de que “informações sumarizadas e organizadas durante sua graduação poderão lhe ser úteis em outros momentos da vida acadêmica, sempre recheada de demandas de estudo e produção escrita” (FARACO e VIEIRA, 2019, p. 98). A sumarização, assim, toma o estatuto de técnica para além da universidade.

Na terceira e última subdivisão da unidade 4, “A resenha acadêmica”, os autores apresentam o gênero resenha, mostrando de que forma ele é estruturado, quais suas peculiaridades, como, por exemplo, a possibilidade de ser elaborado em 4 etapas: introdução, sumarização, crítica e conclusão, não havendo rigidamente a necessidade de demarcação de início e fim dessas etapas.

Ao final do livro, os autores trazem uma “Síntese das unidades”, em que elencam tópicos que ajudam o leitor a revisar os pontos fundamentais discutidos durante toda a obra. É um recurso interessante, que demonstra preocupação didática com a recepção do texto e com a construção dos conhecimentos pretendidos pelo livro e, conseqüentemente, com a escrita acadêmica produzida pelo estudante.

Por tudo que foi apresentado anteriormente, entende-se que o livro *Escrever na universidade: fundamentos*, de Vieira e Faraco, é uma obra rica em termos de conteúdo e de interação com o leitor. Trata-se de um texto que chama atenção por sua linguagem simples e intimista, que entrega um verdadeiro manual de como o estudante universitário deve inserir-se no contexto das práticas acadêmicas, enriquecendo seu letramento desse domínio e aprimorando, principalmente, sua escrita em vários aspectos.

Consideramos que *Fundamentos* se constitua, na literatura linguística recente, como um manual essencial, recomendado principal, mas não exclusivamente, para estudantes universitários, uma vez que possui diversas atividades de reflexão, interpretação, leitura e produção escrita, trabalhando, assim, com o desenvolvimento de habilidades importantes e propiciando práticas escritas essenciais para a formação de escreventes.

Todas as leituras sugeridas são muito pertinentes aos assuntos abordados em cada unidade e as atividades não só instigam o estudante a pensar, como também a produzir e a se colocar no papel do leitor, quando está escrevendo, mas também no de escritor, quando está lendo. Sendo assim, conclui-se que *Fundamentos* é um livro completo e necessário para o domínio acadêmico.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2011.

FARACO, C. A. Gramática e ensino. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 19.2, p. 11-26, 2018.

_____. Por uma norma-padrão brasileira para o século XXI. *Ciclo de debates língua e norma*, Brasil, Núcleo de Estudos da Norma Linguística, 15 de outubro de 2020, evento transmitido pela internet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u5WqaSRQmCY>. Acesso: 15 out. 2020.

VIEIRA, F. E. A norma-padrão (e seus outros nomes) na avaliação da produção escrita. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 15, p. 6-17, 2017.